



- Com Antônio Fagundes, Bruna Lombardi e Dina Sfat, a minissérie *Avenida Paulista*, de 1982, entra amanhã no resgate do Globoplay
- Na Netflix, tem temporada nova de *A sete palmas* chegando, na quarta-feira, e *Jogos Mortais VI*, na quinta
- No Prime Video, já está no ar a modernização do clássico português *Morangos com açúcar*, considerada a Malhação do além-mar

Memória Globo



Puro suco de Gilberto Braga

Há dois anos, noveleiros do Brasil — e por que não dizer do mundo? — receberam, com muito pesar, a notícia da morte de um dos maiores do gênero. Autor de *Escrava Isaura* (1976), a novela brasileira mais viajada da história, Gilberto Braga (1945-2021) não era nada menos que genial. E sua obra primorosa vai além da estrondosa e aclamadíssima *Vale tudo* (1988), cuja autoria dividiu com Aguinaldo Silva.

Tipos odiosos como Odete Roitman (Beatriz Segall) eram a base das narrativas riquíssimas elaboradas pela mente do craque da dramaturgia. Em todas elas, havia ali o tom sofisticado e elegantemente irônico de Gilberto alfinetando a alta sociedade carioca. E isso ele fazia com maestria, especialmente alicerçado na composição feminina. Grandes atrizes emprestaram seus corpos e vozes para vilãs detestáveis e, ao mesmo tempo, adoráveis, como Joana Fomm, Fernanda Montenegro, Tereza Rachel, Glória Menezes, Nathália Thimberg e Marieta Severo. Sem desprezar as madames divertidíssimas e do bem vividas por Tônia Carrero em *Água viva* (1980) e *Louco amor* (1983).

Giba também desenvolveu, com muito requinte, alpinistas sociais. A inesquecível Maria de Fátima feita por Glória Pires em *Vale tudo* e a memorável Laura Prudente da Costa de Cláudia Abreu em *Celebridade* são os maiores exemplos. Outra, porém, pode ser revista, desde o início deste mês, na primeira reprise de *Pátria minha*, recentemente catalogada no Globoplay. Em

1994, Vera Fischer deu vida a Lídia Laport, uma mulher linda, inteligentíssima e amoral, que fazia de tudo para subir na vida. De estimular o casamento do filho único, Rodrigo (Fábio Assunção), com uma jovem herdeira, a ela própria dar o golpe no multimilionário Raul Pelegrini (Tarcísio Meira), o avô desprezível da garota.

Exibida apenas seis anos depois, a novela era uma espécie de nova *Vale tudo*, com uma atualização da discussão sobre honestidade, moralidade e ética no Brasil. As bandeiras eram levantadas pelos personagens Pedro (José Mayer), que voltou para o país após viver oito anos nos EUA, e Alice (Cláudia Abreu), a neta de Tarcísão, uma adolescente panfletária que pintou a cara de verde-amarelo pelo impeachment de Collor — em uma espécie de reencarnação da revolucionária dos anos 1960 Heloísa que a atriz viveu brilhantemente, dois anos antes, na minissérie *Anos rebeldes* (1992), do mesmo autor.

Infelizmente, *Pátria minha* foi profundamente prejudicada por problemas pessoais de Vera Fischer com o seu então marido Felipe Camargo, que fazia o Inácio na novela. A produção sofreu atropelos constantes com as ausências dos atores, seus personagens precisaram morrer em um incêndio, que terminou de tostar suas imagens, e a narrativa se perdeu na reta final. Ainda assim, prestigiar a obra é uma ótima forma de matar as saudades dos enredos e diálogos valiosos de Gilberto Braga. E, de certa forma, homenageá-lo.



Liga
Com um elenco de gigantes como Fábio Assunção, Débora Falabella, Emilio Dantas, Marjorie Estiano e Bruno Mazzeo, a série *Fim*, original Globoplay é baseada no livro homônimo de Fernanda Torres (que também atua). Percorrendo o período entre 1968 e 2012, a história é um convite à nostalgia.



Desliga
A crítica também é positiva a *Codex 632*, outra série original da plataforma de streaming da Globo. Uma coprodução entre Brasil e Portugal, com atores de lá e daqui (como Alexandre Borges, Betty Faria e Deborah Secco), a exibição peca, porém, ao dublar as vozes originais dos lusitanos. Perde todo o charme.